

Patrimônio foi dissolvido

Tudo o que restou da agência de automóveis de J. foi um jet ski e uma linha telefônica que ele trocou pelo ponto do comércio na Asa Norte.

Os 12 carros que tinha no pátio há dois meses, quando passou o negócio para frente depois de um ano no mercado, foram vendidos pela metade do preço para quitar os empréstimos no banco.

J., que não gosta de falar sobre o assunto, só ficou com um carro para uso próprio. “Sou supersticioso”, justifica. Mas, aos poucos, vai contando alguns detalhes.

“Eu sempre fui do ramo de imóveis. Em 94, vi que carro era um negócio rentável. Deixei a imobiliária de lado e investi na agência”.

No começo, tudo caminhou bem. “Eu chegava a tirar R\$ 2.000,00 numa venda”, lembra. “Aí, o governo reduziu os prazos de financiamentos. Eu ficava semanas sem vender nada. Depois, vendi abaixo do preço”.

Essa foi a segunda vez que J. quebrou. “Na época do Plano Cruzado, eu tinha um restaurante. Foi horrível, mas dei a volta por cima. Vou conseguir novamente. Ainda vou ter muitas empresas”, diz, otimista.